



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



A  
cobica  
do  
Papa-figos



Por JOSE AUGUSTO DO VALE  
Desenhos de A. CASTAÑÉ

**E**M tempos que já lá vão, houve um homem que tinha o apelido de *Clérigo*, o qual era muito instruído e um grande admirador da Grécia Antiga.

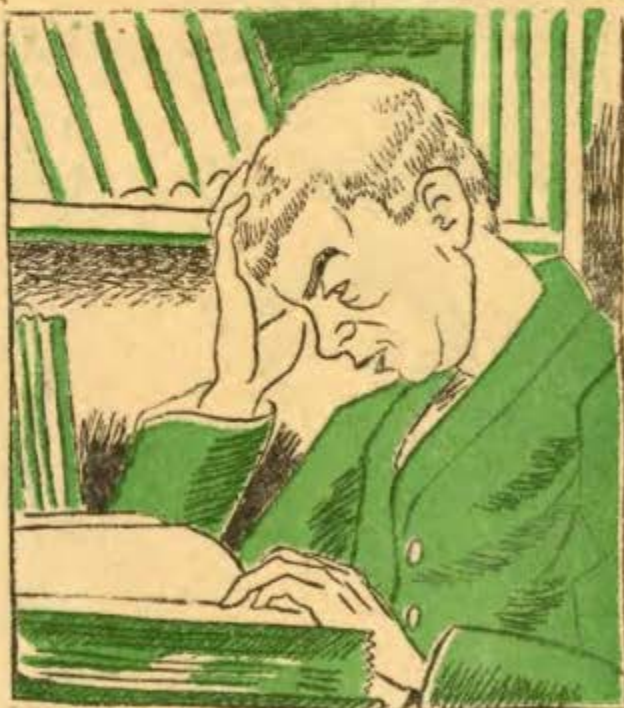
Um dia sentindo-se cada vez mais embevecido nos feitos do Povo Grego e no semblante helénico das mulheres bonitas, resolveu dar um passeio até esses pitorescos lugares que ele só via em sonhos ou através de contínuas leituras. Pondo de parte algumas economias, ei-lo já a caminho desse maravilhoso País da Arte.

Como estava informado de que era, também, um país de frutas deliciosas, escolheu o tempo em que lá pudesse encontrar figos maduros.

E assim foi. Tomou o barco duns marinheiros que faziam carreira nas águas do Mediterrâneo, e seguiu contente, como os rapazes ao irem para uma festa.

Aportou, pela primeira vez, em Corinto, onde admirou umas figueiras de frutos deliciosos, muito sumarentos, de capa escura e rotinha como a dos pedintes. Provou, e gostou de tal modo que pediu aos marinheiros que lhe levassem, na época própria, uma figueirinha de Corinto, a-fim-de a plantar no seu quintal, pois pagaria por ela fôsse o que fôsse.

Ficou, por consequência, tudo combinado. Então, o nosso viajante passou dali a percorrer o que na sua imaginação só vira por intermédio da leitura.



Regressou, depois, à Pátria, aguardando a árvore desejada e que só chegaria na ocasião própria. Passado tempo veio a figueirinha de Corinto, muito bem acondicionada, e, com grande regosijo, logo a plantou no seu quintal. Foi em tão boa oportunidade que, daí a pouco tempo, ela rebentou, cresceu tornou-se tão viçosa e com frutos tão

(Continua na pagina 4)

# FÉRIAS DA PÁSCOA

Por TOUTINEGRA

**S**ENTADAS sob um frondoso castanheiro, tendo no colo chapéus de palha enfeitados com fitas de cores garridas, Alice e Maria conversavam:—  
 Decididamente enganamo-nos, querida Maria; o primo José é muito mais simpático e bom do que o primo Hugo.— E quem diria, voltou a outra. O Hugo é tolo, não nos liga importância. Viste a indiferença com que, ontem, recebeu a surpresa que lhe fizemos de levar até ao pinhal, onde passavam a tarde, o lanche para todos?! Enquanto o José quasi nos asfixiava com abraços, o Hugo limitou-se a um lacónico: — «Obrigado, priminhas!»

—Sabes, Alice, para as próximas férias grandes, gostava que o José voltasse, contudo o Hugo pode ficar por lá, visto ser tão pouco nosso amigo e tão pouco expansivo.

Nisto, surgiram, correndo, os dois rapazes discutidos. Hugo e José eram irmãos e pela primeira vez conviviaam com aquelas primas, vindos de Lisboa, a-fim-de passarem com elas as férias da Páscoa, na linda quinta onde viviam sempre.

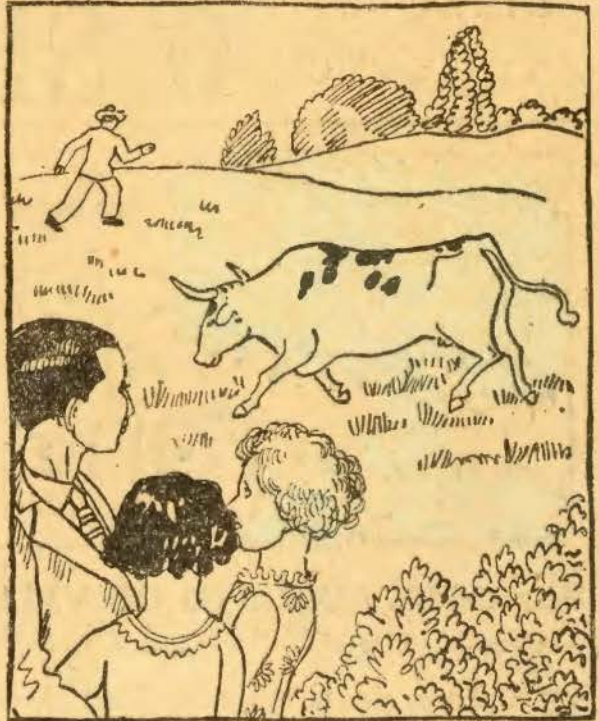
Com temperamentos opostos, o de José havia agradado mais ás primas, naqueles poucos dias, passados em seu convívio.

Chegados, junto das primas, convidaram-as a dar um passeio; elas acederam e puzeram-se a caminho. Seguiram por um atalho florido, de madre-silva e rosas silvestres, que exalavam perfumes deliciosos. Depois de muito andar, sempre de briçadeira, dando elas a preferência em tudo ao primo José, sentaram-se a descansar, tagarelando ácerca dos quatro pontos cardiais. Em certa altura, José tirou do bolso uma bússula que era do pai das primas e Hugo, ao vê-la, repreendeu José por a ter trazido, recendo que ele a perdesse. José guardou-a novamente, troçando do irmão por tanta exquiritice.



Quando voltaram, o crepusculo avizinha-se da terra e o céu vermelho contrastava com os campos verdinhos, onde se ouviam melros e rouxinóis, cantando ao desafio com grilos e cigarras numa alegre sinfonia.

Na margem dum ribeiro, pastavam vacas. Então, José, ao vê-las, começou fazendo imenso barulho, para as espantar. Hugo, desta vez até Alice e Maria, recomendaram-lhe que estivesse quieto e calado, Ele, porém, a nenhum aten-



deu, até que uma das vacas, investe contra eles. Abalaram todos de corrida sendo José quem primeiro fugiu, nada se preocupando com as primas, impossibilitadas de correrem tanto como ele e a quem Hugo não desamparava, incutindo-lhes coragem com boas palavras. Quando já não podiam correr mais, voltaram-se a medo para trás. A vaca ficara já distante e, lá ao longe, mal se via José correndo ainda.

Chegados a casa, o jantar estava na mesa e José tinha ido deitar-se, pretextando uma forte dor de cabeça. Jantaram e foram também deitar-se, nada contando do sucedido.

Ao outro dia, quando todos brincavam no baloiço, apareceu o pai das meninas, perguntando pela bússula. Todos olharam para José, que remexia aflitivamente os bolsos... Hugo percebeu tudo e, dirigindo-se ao tio, disse:

—Fui eu que lhe mexi, tio; desculpe; não me recordo onde a puz, vou procurá-la. E saú, seguido de José e do tio, muito envergonhado.

Que injustas temos sido para com o primo Hugo! disse Alice a Maria, ao ficarem sós.— E' verdade; somos demasiado precipitadas nas nossas apreciações, coisa que nunca devemos fazer para evitar injustiças. Havemos de pedir-lhe desculpa, Maria. E saíram para ajudarem a procurar a bússula, que se encontrou, fácilmente, no campo onde José espantara as vacas. Ficaram todos satisfeitos e voltaram para o baloiço, vindo Alice e Maria abraçadas a Hugo, o qual recebia aqueles carinhos e atenções com a mesma atitude de sempre. No entanto, quem olhasse fixamente os seus belos olhos, veria néles um brilho e alegria desusados por ver, finalmente, compreendida a sua maneira de ser, que até ali tão mal interpretada fóra.

FIM

# Era melhor passear!...

Por MARIA JULIA de LEMOS  
Desenhos de CASTANÊ

— «Mamã,  
não quero ir à escola;  
deixa só hoje faltar!  
O dia está tão bonito,  
era melhor passear!...  
Só um dia não faz mal;  
bem vêes,  
sou tão pequenino,  
um menino  
de calção!...  
Tenho tempo de ter tino!  
Hoje não vou à lição,  
não, pois não? Dize que não!  
Sujo-me todo de tinta!  
Hoje, em lugar de ir à escola,  
vou antes brincar na quinta!»

até que bem saibas ler,  
ler, escrever  
e contar!»

— «Mas, ó Mãezinha,  
os meninos  
que veem brincar comigo,  
às vezes não vão  
à escola,  
e não ficam de castigo?!  
Porque motivo será  
que os deixam, assim, brincar  
e, só a mim, o Papá  
me está  
sempre a ralhar  
e a mandar  
estudar?!...»

Mas a Mamã só responde  
— (resposta que desconsola  
o filho que não sabe onde  
estão o Bem e o Dever:)

— «Meu filho, não pode ser;  
tens que estudar,  
trabalhar,

— «E' que, filho, êsses meninos  
estudam suas lições,  
sem ser preciso mandá-los,  
porque não são mandriões...  
Se tu fizesses o mesmo  
já não ouvias ralhar  
e tinhas tempo, também,



de estudar  
e de brincar!  
E oh! que tristeza pensar  
que, se não vais, por não qu'rer,  
há meninos que queriam  
e não podem aprender

(Cala-se a Mãe,  
p'ra deixar  
penetrar  
na cabecinha  
do seu Bêbé,  
as palavras  
que dissera em voz meiguinha.)



E algum tempo decorrido,  
depois de haver reflectido  
vai o menino estudar,  
sem hesitar,  
decidido;  
e após haver prometido  
nunca mais ser mandrião,  
e não mais brincar sem ter  
bem decorada a lição!

■ FIM ■



# BRINQUEDOS DE CANA

Como se faz um apito

Um instrumento musical

Um cavalo de corrida

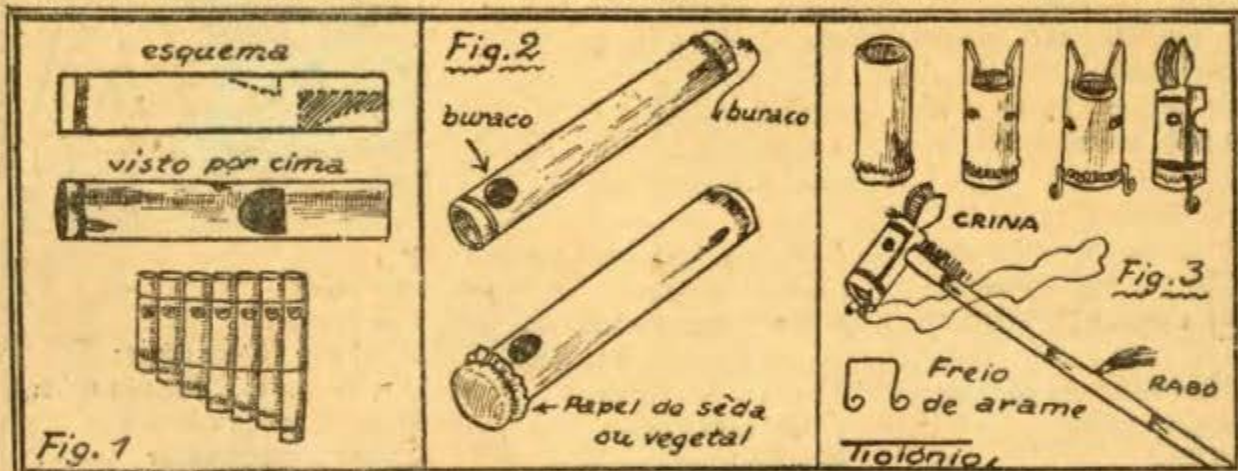
Com uma cana e um canivete qualquer, meu sobrinho habilidoso, pode fazer-se uma infinidade de coisas. Por exemplo um **apito!**

Uma cana fininha ou grossa pode

Para completar um **jazz-band** de tampas de panela e latas de gasolina, a servirem de bombo, temos aqui um admirável (!) instrumento

Para terminar, vou-lhes ensinar a fazer um fogoso cavalo de corridas, também de cana.

O mais difícil é a cabeça que é feita duma cana, o mais grossa



servir para o efeito. A cana fina dá uns sons agudos, estridentes, a grossa uns sons mais graves. Com uma quantidade de apitos, de várias grossuras, até se poder fazer... um **esfola-beiços** de amolador.

A cana é cortada dum lado pelo nó e do outro pela parte aberta, de forma que fique um lado fechado e outro aberto. Arranja-se um tacho de madeira, que se adapte perfeitamente à grossura da cana, e desbasta-se-lhe um dos lados como a gravura indica. (Este tacho até pode ser feito com um talo de uma couve...) E', em seguida, metido dentro da cana, deixando-lhe livre o espaço desbastado. Dêsse mesmo lado, um pouco à frente, é feito um buraco na cana como a gravura indica, por onde sai o ar que se sopra para dentro.

Corta-se, querendo, a parte inferior, para se lhe dar o feitio dos lábios e... está feito o apito!...

de música... agradável (quando está silencioso) e o qual para ser tocado na perfeição, não exige o curso do Conservatório...

Corta-se uma cana de grossura razoável, no espaço que vai dum nó ao outro.

O sítio tapado pelo nó é perfurado; o outro lado fica aberto. A pouca distância do rebordo aberto, faz-se, à roda, uma fendazinha, sobre a qual se aperta um papel de sêda ou vegetal, com um cordel tal como indica a gravura. A 2 ou 3 centímetros do papel, faz-se um buraco redondo, no qual se põe a boca e se canta com voz fanhosa. O som produzido é muito semelhante a um trombone de varas.

possível, que se corta como a gravura indica, fazendo-lhe as orelhas. O freio é formado por um arame que pode ser um gancho daqueles que as avós usavam para segurar o carrapito...

Os olhos e a cabeça (arreo) são feitos a tinta preta.

Liga-se o corpo feito de outra cana comprida que, para embelezar, pode levar crinas e rabo, feitos de fio de lã ou qualquer outra coisa parecida. Colocam-se-lhe as rédeas de cordel ou nastro, prêsas ao arame que serve de freio e, agora, muito cuidadinho não vá o cavalo tomar o freio nos dentes.

Também lhes poderia ensinar a fazer, com canas, *canhões*, *pistolas*, *espingardas*, etc., mas a Sociedade das Nações não consente... e eu não quero ver algum dos meus «sobrinhos» sem um olho por minha causa.

# CORREIO DE TIOTÓNIO

J. A. C. Marques (Lisboa). — O papel electrizado dá sempre resultado.

A mim, quando fiz a experiência, como sou careca como um ovo, eriçaram-se-me as barbas!... Imagina!

O teu boneco, que é admirável, com o castelo de xadrezinho, não pode ser publicado por ser feito a lápis. Faze outro a tinta escura e que, de preferência, não exceda o tamanho de meio bilhete postal, com o teu nome e idade. Um abraço apertado.

Sidónio Dias (V. Franca de Xira). — O problema de palavras cruzadas que enviaste, é interessante mas tem excesso de manchas escuras e falta de ligação.

E' preferível fazê-los mais pequenos e de forma que as palavras tenham mais ligação, o que conseguirás com menos manchas pretas. Cá fico esperando.

António Sebastião Sotero (Almodovar). — Versos e prosa não é comigo. Deves dirigir-te ao director deste Suplemento, a quem foram entregues os que enviaste, que apesar de um pouco pé quebrados, não deixam de ter sua graça.

Fernando Tuna (Coimbra). — Vai-se dar um getinho à tua boneca. Os problemas são muito compridos.

Um chl coração...

Flôr do canção (Covilhã). — Meu caro «Flôr do canção». Os versos que me remeteste são deveras interessantes mas não estão na índole do «Pim-Pam-Pum» que é um jornal infantil.

Daniel José Ferreira (Lisboa). — Admirável «sobrinho». Venha de lá um grande abraço. Mais outro! E's a joia dos «sobrinhos», e tens idéas levadas da bréca!...

A maioria do que enviaste é aproveitável, mesmo muito aproveitável. Tenho a impressão que não compreendi bem o teu problema das argolas e gostaria que m'o explicasses pessoalmente.

Estás de acordo?

Alfredo Ribeiro de Barros (Viana do Castelo). — Vou escolher alguns dos problemas enviados para os publicar. Os bonecos devem ser feitos em papel branco e tinta escura, como digo ao teu «primo». J. A. C. Marques.

Francisco Pacheco Carvalho Costa (Lagos). — Já cá chegou o homem das barbas e chapéu alto... Vai para a bicha à espera da primeira aberta.

Está uma verdadeira obra prima. Aqui para nós, que ninguém nos ouve, o homenzinho tem uma mão com seis dedos e outra sem nenhum!... Como é que tu arranjaste aquilo?

Helder Silva (Algés). — Ora viva! Seja muito bem aparecido por esta sua casa!

Vou responder às tuas perguntas pela ordem porque as fizestes:

1.<sup>a</sup> — Não digas nada! Está por um fio!... Até vais ficar de boca aberta!!!

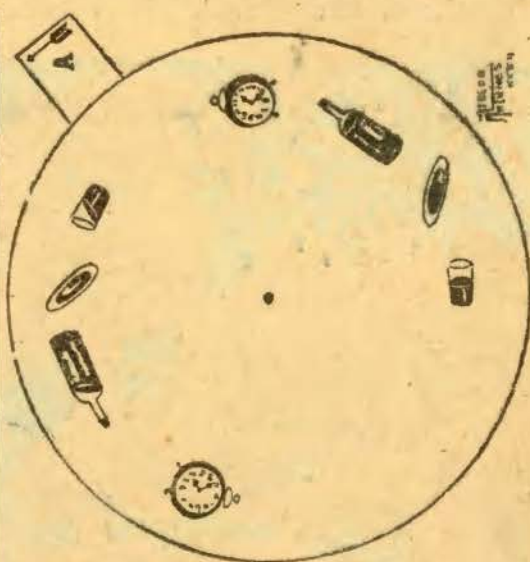
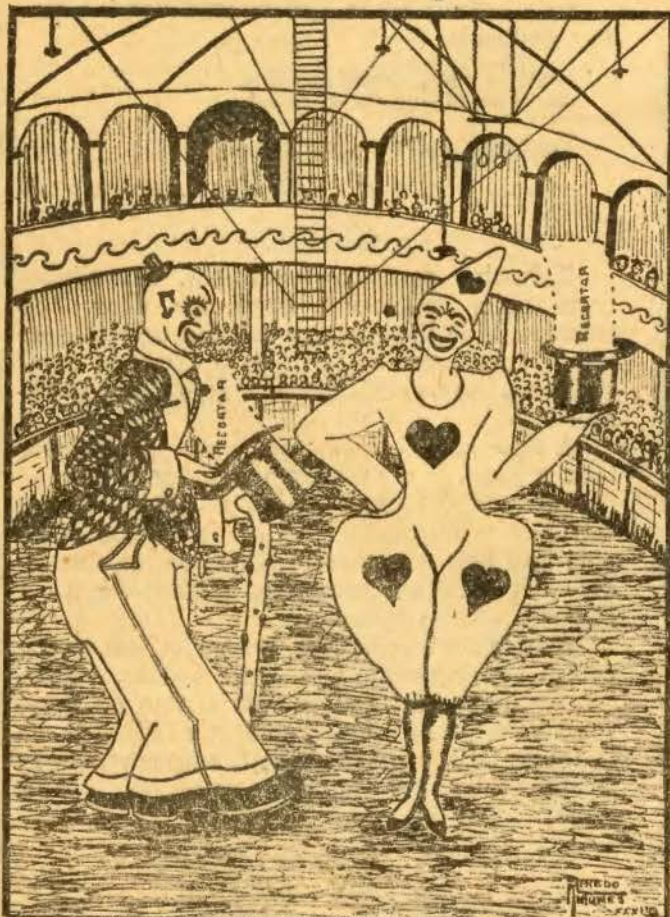
2.<sup>a</sup> — Oh marôto, não me descubras a careca! As outras são para a 1.<sup>a</sup> resposta...

Entretanto dize-me o que gostarias de ver publicado na Secção do teu velho amigo Tiotónio.

Norberto Tavares Salgueiro (Portalegre). — Já cá chegou o Pedro Alvares Cabral. Vai para a bicha e sairá por estes dias.

TIOTÓNIO

## CONSTRUÇÃO PARA ARMAR



vel amigo Faz tudo, vai fazer alguns trabalho, o que decerto vos proporcionará horas alegres.

Mão à obra!... atenção:

- 1.<sup>o</sup> — Colar os dois desenhos em cartão (de preferência cartolina)
- 2.<sup>o</sup> — Recortá-los.
- 3.<sup>o</sup> — Com a ponta de um canivete, abrir pelo ponteador onde se lê (Recortar).
- 4.<sup>o</sup> — Furar o ponto negro, colocado ao lado esquerdo do ouvido do palhaço e o colocado ao centro da circunferência.
- 5.<sup>o</sup> — Colocar um atache a fazer de eixo.
- 6.<sup>o</sup> — Sempre que começar, deve a pequena patilha A estar colocada ao lado direito da abertura feita na parte superior do chapéu.
- 7.<sup>o</sup> — Fazendo girar a circunferência no sentido que a esta indica, vereis que, de dentro do chapéu, saem alguns objectos, que, por sua vez, desaparecem no do Faztudo.

### PRESTIDIGITAÇÃO

«Pim Pam Pum» apresenta aos seus pequenos leitores o palhaço prestidigitador, que, auxiliado pelo seu incansá-

## A cobiça do Papa-figos

(Continuado da página 1)

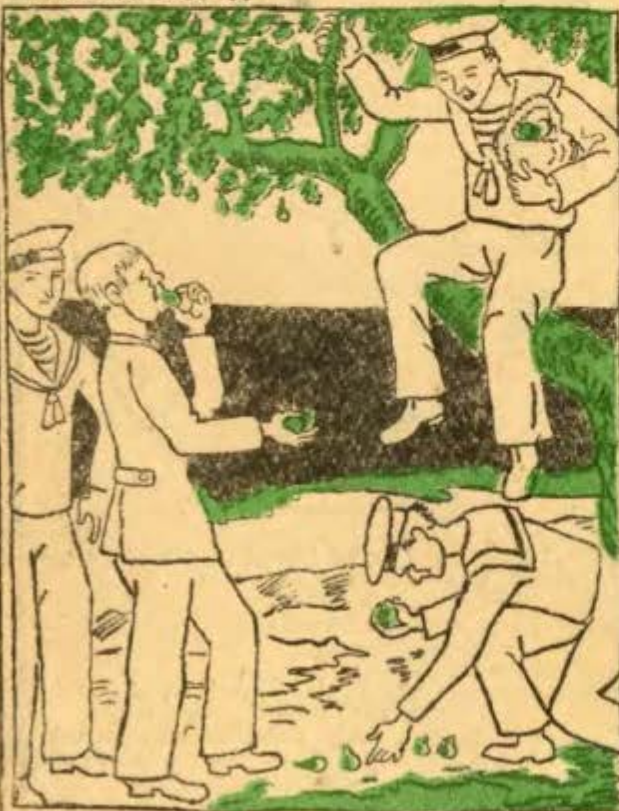
saborosos e sumarentos que não eram inferiores aos da Grécia. E a prova de que isto era uma verdade, estava bem patente no modo como a passadeira se juntava ali, para lhe debicarem e comerem os figos. Entre o diversos pássaros que, junto dela, abordavam, havia *uns figurões*, do tamanho dos melros e de penúgem amarela, como se fôsem canários, que eram mais gulosos. Daí o chamarem-lhes: — «Papa-Figos».

O que é certo é que o tal viajante de apelido — Clérigo, um tanto ou quanto arreliado com a história da falta dos figos, resolveu mandar guardar a figueira a um criado que era um pouco surdo e que se chamava — Abreu.

Ora este criado, muitas vezes, deixava-se adormecer ou não fazia grande caso. E, como não havia outro caminho a seguir, resolveu o dono guardar ele próprio a figueira, mandando o criado fazer qualquer serviço agrícola.

Os pássaros, «Papa-Figos», que eram os mais teimosos — como já dissemos — vendo junto do peitoril da janela o dono, Clérigo, fungando a sua pitada, voavam, a pequena distância do criado e diziam-lhe: — «Sr. Abreu, viste lá o Clérigo?!... Você ouviu?!...»

E como o criado não respondia, continuavam eles a gritar, dizendo: — *Ai!... Ai!... Ai!... Ela estará lá?!...*



A uma outra distância, ouviam-se outros «Papa-Figos» envolvidos no seguinte diálogo:

- «Viste lá o Abreu?»
- «Lá o vi eu.»
- «Ele andava gordo?»
- «Assim andasse eu!...»



Mais adiante ainda, diziam outros para a mulher do criado:

- «Papa o figo, Maria do Abreu.»
- «Se o não papas tu, papo-o eu...»

Voltavam os primeiros a dizer:

- «Sr. Abreu, viste lá o Clérigo?... Viste lá o Clérigo?...»
- «Você ouviu?!... Ai!... Ai!... Ai!...»

E, assim, os ditos passarinhos, amarelinhos como ouro, passaram a época dos figos neste amontuado de linguagem, o que deu ensejo a que lhes chamassem — *Papa-Figos* e *Clérigos*, especialmente numa determinada região da Beira-Baixa.

A figueira de Corinto passou a espalhar-se por toda a parte. E o povo, em vez de lhe chamar — *figueira de Corinto* — passou a chamar-lhe, por corrupção de linguagem: — *figueira Coriga*, nome pelo qual hoje é conhecida. Os seus figos, de pincar um bocadinho comprido, passaram, então, a chamarem-se: — *figos corigos*.

Quanto aos *Papa-Figos*, como eles têm no seu código um artigo que lhes tolera o furto, quando fôr motivado pela cobiça dum fartote de figos, continuam, por isso, muito gulosos e satisfeitos, na busca de tal fruto. E ainda hoje, apenas vêem que alguma coisa os contraria, começam logo a dizer:

- «Ai!... Ai!... Ai!... Ela estará lá?!...»
- «Sr. Abreu, viste lá o Clérigo?»
- «Lá o vi eu.»
- «Ele andava gordo?»
- «Assim andasse eu!...»

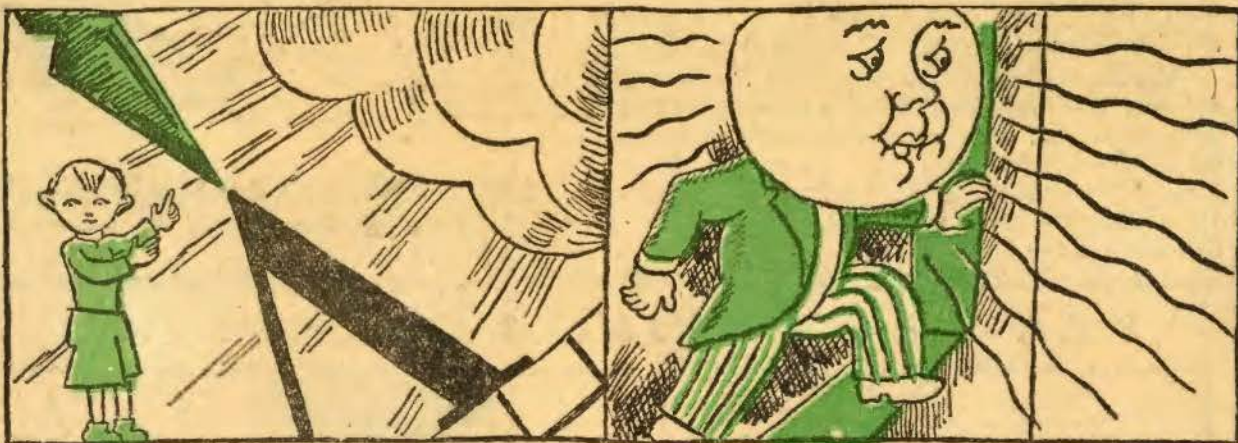


# "Zé" e "Zeca" discutindo



I — Zeca Pais e Zé Rendeiro discutiam qual dos dois se levantava primeiro, se levantava primeiro, se levantava depois.

II — Então, à Zeca, o Zé conta que, todas as manhãs, vai, mal, no céu, o sol desponta, para o campo com o seu pai.



III — «E a que horas é que o sol rompe, agora?!» — Rápido, pronto, o Zé Rendeiro a interrompe: — «A's cinco horas em ponto!»

IV — Pois o meu papá — (diz ela) — vai, logo, tratar da vida, mal entra o sol p'la janela, já depois de eu estar vestida!»



V — O Zé, de expressão pasmada, convencido, diz a medo: — «Sim, se estás já levantada, levantas-te inda mais cedo!»

VI — Porém, o que não disse ela, decerto por ser cobarde, é que o sol, nessa janela, só entra às cinco... da tarde!